

Virá que eu vi

Continuação da pág. C1
 "A Queda do Céu" e o novo "O Espírito da Floresta", obras escritas em conjunto pelo antropólogo francês Bruce Albert e o líder indígena Davi Kopenawa, amplificaram o alcance das palavras de alguém que já era importantíssimo, nas palavras de Mundurucu. "Se um branco não se debruça sobre essa cultura, vamos perder, como tem perdido, muitos Davi Kopenawa." A fala ilustra uma distinção feita por Pedro Cesarino entre a representação e a colaboração. Se antes pessoas brancas falavam por pessoas indígenas sem excluindo da voz delas, hoje é bem mais comum que pessoas de todas as culturas colaborem entre si, num processo que não é necessariamente pacífico, mas crível pelo debate.

"A tarefa é criar um espaço de interlocução que seja justo e não substitua o ponto de vista de ninguém, que não parta de um lugar congelado de poder e, sim, gere novas formas de relação."

Mas nem todo livro parte do mesmo propósito. Rita Carelli, que viveu durante parte da infância em meio ao povo enauenê, diz que ainda entendia pouco seus rituais. "Minha literatura é dar a mão para essa ignorância e assumir que a gente não sabe. Como pretender se colocar como tradutor de um mundo que eu não sou capaz de compreender plenamente?"

Carelli abraça os atritos de comunicação em seu romance "Terrapreta", em vez de tentar escondê-los. "Tudo bem a gente estar num lugar de desconforto", diz a escritora e atriz. "Nós, brancos, estamos pouco acostumados a isso."

Mas esse cenário tem mudado. Se Mundurucu sofreu na infância a imposição de outra cultura sobre a sua, hoje seus livros são adotados, veja só, em diversas escolas. "É minha vingança", diz ele, entre risos.

Autor de obras como a antologia "Tempo de Histórias" e a coletânea "Crônicas Indígenas para Rir e Refletir na Escola", da Moderna, ele reforça a importância da arte para o avanço político. "Quando usamos a linguagem simbólica, as pessoas se sentem mais questionadas a respeito de sua identidade. Percebem que a elas foi negado o direito de saber quem são — que também são indígenas e africanas, que ser brasileiro é o amalgamado disso."

Ele vê bons tempos adiante, com mais antropólogos e artistas indígenas interessados em registrar sua cultura em livros. "Ainda vem pela frente uma geração nova, que vai trazer essa leitura outra do Brasil para que ele possa, quem sabe, se descobrir de novo."

PAINEL DAS LETRAS

Walter Porto
 walter.porto@grupofolha.com.br

Memórias do líder indígena Raoni viram livro na Companhia das Letras

O líder indígena Raoni Metuktire trabalha num livro de memórias de grande escala, planejado para o começo de 2024 pela Companhia das Letras. Foram mais de 80 horas de entrevistas com o cacique de mais de 90 anos na língua do povo kayapó, que estão sendo transcritas e traduzidas ao português em parceria com outros intelectuais de povos originários, num trabalho coordenado pelo antropólogo Fernando Niemeyer. O livro abarcará desde contos míticos e as experiências xamânicas de Raoni até sua narrativa biográfica. O leitor conhecerá desde sua infância e juventude, antes do contato com povos ocidentais, até sua participação central

na luta pela demarcação de terras indígenas, que consolidou um reconhecimento mundial que culminou na subida da rampa do Palácio do Planalto na posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no último mês de janeiro. É um projeto realizado em parceria com o Instituto Sociodemográfico e de Natureza e o Instituto Raoni, que vem na esteira de parcerias semelhantes de sucesso como a entre Davi Kopenawa e Bruce Albert, que culminou no emblemático "A Queda do Céu" e no novo "O Espírito da Floresta". A mesma Companhia das Letras publicou os dois e transformou a trilogia de escritos de Ailton Krenak, que



O líder indígena Raoni Metuktire. Pedro Ladeira/Folhapress

começou com "Ideias para Adiar o Fim do Mundo", em um tremendo sucesso comercial. Agora, pela primeira vez Raoni também trará os registros de sua experiência em primeira pessoa num livro de folégo de uma editora brasileira de grande circulação.

APAIXONADAMENTE O romance "O Beijo do Rio", de Stefano Volp, vai virar filme. O próprio autor trabalha na adaptação ao lado do roteirista Guilherme Quintella, da série "Sintonia", e a obra será dirigida por Aly Muritiba, do elogiado "Deserto Particular". A produtora Boutique Filmes foi a responsável por comprar os direitos de adaptação do livro, sobre um garoto que descobre que seu melhor amigo foi envenenado enquanto fazia uma versão gay de "Romeu e Julieta" no teatro.

IMPÁVIDO Volp está em alta, aliás, já que a editora Galera Record acaba de anunciar para maio o relançamento de seu romance young adult "Nunca Vi a Chuva", originalmente autopublicado pelo autor.

TRANQUILA Outro investimento do Grupo Record no filão de jovens está em "Enquanto Houver Limoeiros", estreia badalada da canadense descendente de sírios Zoufira Katouh, um romance ambientado na guerra civil da Síria. Sai pelo selo Verus ainda este mês.

INFALÍVEL A Feira do Livro de USP volta a ter edição presencial nesta semana pela primeira vez desde a pandemia. O evento acontece de 12 a 16 de abril no campus da universidade em São Paulo, na Barra Funda, oferecendo no mínimo 50% de desconto em livros.

Davi Kopenawa faz aliança com 'gente de longe' para proteger os yanomamis

'O Espírito da Floresta' é habitado por dois eus, com palavras do xamã e a escrita do antropólogo

ANÁLISE

Tatiane Klein
 Jornalista e antropóloga, é doutoranda em antropologia social na USP

SÃO PAULO Em março, o eminente líder indígena Davi Kopenawa esteve na capital paulista para receber o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal de São Paulo. Ele se alegrou com a cerimônia, mas estava revoltado com os efeitos da invasão da Terra Indígena Yanomami pelo garimpo ilegal. "A minha alma está de luto, porque morreram 577 crianças durante quatro anos. Jair Bolsonaro matou meu povo."

O xamã não se furto de convocar todos os presentes — um público majoritariamente não indígena — a continuar aprendendo com as palavras e saberes yanomamis e ajudá-lo a "segurar a nossa terra e o nosso universo". Ele falava de "urihiá", a "terra-floresta", habitada por cerca de 29 mil yanomamis e protagonista de seu novo livro com o antropólogo Bruce Albert.

Lançado pela Companhia das Letras há pouco, "O Espírito da Floresta" é uma aposta na aliança dos yanomamis com "gente de longe", disposta a escutar suas palavras, um movimento que a obra traduz em diferentes aspectos. O engajamento não se reduz à campanha de vendas antecipadas da edição brasileira, que permitiu à Hutukara Associação Yanomami arrecadar cerca de R\$ 90 mil para fazer frente à grave crise de saúde que ainda vitima seu povo. "Os brancos em torno de



O escritor e líder indígena Davi Kopenawa. Pedro Ladeira/Folhapress

nossa terra são hostis (...). Quando gente de longe nos conhece e fala de nós, a gente de perto hesita em nos destruir", escreve Kopenawa.

A maioria dos artigos, à exceção de dois depoimentos inéditos, foram elaborados para não especialistas, publicados originalmente em catálogos de diferentes exposições da Fondation Cartier para a Arte Contemporânea e em obras informativas — como é o caso de "Somos todos 'índios'", editado nesta Folha.

Mas não há simplificação: o esforço dos autores é o de levar a sério o pensamento xamânico, como escreve Albert, fazendo jus a "uma forma de xamanismo político inédito" em que os complexos saberes yanomami se deixam traduzir em palavras, imagens e sons estrangeiros.

É o caso da famosa aliança com a fotógrafa Claudia Andujar, cujas imagens acompanham o livro e que, desde os anos 1970, durante a primeira grande invasão garimpeira à terra yanomami, coloca sua obra a serviço da causa yanomami.

Kopenawa e Albert escrevem "O Espírito da Floresta" sob a forma de uma conversa. Capítulo a capítulo, textos assinados pelo xamã e pelo antropólogo se alternam justapostos, articulados por temas comuns, como a pandemia de Covid-19, sem que um busque se sobrepor ao outro. Em uma das duplas de capítulos, extraídos do catálogo da exposição francesa "Yanomami: L'Esprit de la Forêt", os autores rememoram os encontros entre xamãs yanomami

e artistas de diferentes países na aldeia Watotiki. Em outra, os diálogos de Kopenawa com Cédric Villani, que levaram a comparações entre os matemáticos e seus equações e os xamãs e seus xapiri pë, espíritos auxiliares.

Em um momento, Kopenawa escreve: "Os brancos pensam que a floresta está colocada sem razão sobre o chão, como morta. Não é verdade". Em outro, Albert secunda: "Como os humanos e a 'terra-floresta' sofrem e sentem dor quando derubam suas árvores".

Kopenawa e Albert ensinam que a floresta não é silenciosa como parece, mas animada por uma miríade de vozes — seres humanos e não humanos com os quais "os Yanomami mantêm um diálogo constante". Nesse sentido, a escrita desses textos não difere dos de "A Queda do Céu", o primeiro e consagrado livro da dupla — fruto de um experimento colaborativo de longa data entre os autores e chamado por eles de "pacto etnográfico".

A voz do narrador é sempre habitada por dois "eus": o do xamã que narra e que confiou suas palavras ao antropólogo e o do antropólogo que escuta e que empresta sua escrita ao pensamento do xamã. Uma escrita feita à imagem do ofício dos próprios xamãs yanomamis, que perpetuam as palavras dos espíritos da floresta cantando e dançando como eles.

O Espírito da Floresta
 Autores: Bruce Albert e Davi Kopenawa. Trad.: Rosa Freire d'Águilar. Companhia das Letras. R\$ 59,90 (232 págs.), R\$ 29,90 (ebook)

Ministério da Cultura e Prefeitura de Paraty apresentam

Shows Grátis ao ar livre!

14, 15 e 16 de ABRIL

JAZZ * BLUES * R&B * SOUL

BOURBON FESTIVAL PARATY

★ 2023 ★

bourbonfestivalparaty.com.br

acesse o site e veja a programação completa!

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Patrocínio: Repsol Sinopce, EZE, FOMIN, Sando, CASA HISTÓRICA PARATY, 1073, INSTITUTO CULTURAL, NEW ORLEANS CULTURY, INSTITUTO PARATY, PREFEITURA DE PARATY, GOVERNO FEDERAL, MINISTÉRIO DA CULTURA, BRASIL.